

## **As Crianças que Ninguém quer! Sonho ou Realidade!**

Na madrugada do dia 02 do corrente mês perdi o sono após sonhar com uma criança me pedindo:

“Tio, procure um pai e uma mãe para mim.”

O que posso fazer ou o que devo fazer para tentar minimizar a situação de centenas de crianças e adolescentes abrigadas nos condomínios ou casas provisórias?

O dia 25 de maio é o dia Nacional da Adoção e Goiás sediou o 10º ENAPA (Encontro Nacional de Associações de Grupos de Apoio a Adoção), que se realizou nos dias 26 a 29 de maio do corrente ano, com a presença de autoridades e representantes de várias categorias profissionais, bem como pessoas engajadas em associações sem fins lucrativos, que se preocupam com as crianças e adolescentes que passaram da idade de adoção, tornando-se crianças e adolescentes institucionalizados, que ficarão nos abrigos até completarem a maior idade. Elas se tornam jovens sem referência alguma sobre família, pessoas a que a sociedade negou a oportunidade de conviver e ter um lar, uma família.

A assembléia Geral da ONU proclamou o dia 15 de maio como Dia Internacional da Família, com o objetivo de chamar a atenção de todo mundo, governos, responsáveis por políticas locais e famílias, para a importância da família como núcleo vital da sociedade e para os seus direitos e responsabilidades.

Deixar os infantes nos abrigos e condomínios é negar-lhes o direito de ter uma família, pois é nela que se dá e recebe ternura, carinho, apreço, segurança, generosidade, partilha... numa palavra: amor.

Somente com um verdadeiro compromisso pessoal de cada cidadão se pode gerar uma nova sensibilidade aos direitos dos indefesos, diariamente espezinhados das formas mais ignóbeis e, propositadamente, silenciados.

Você já reparou no quanto de amor e carinho você e toda sua família trocam todos os dias? São gestos de amor como o seu que, quando dados aos filhos, ajudam a formar o caráter como cidadãos.

Mas você já parou para pensar em expandir estes horizontes dando carinho a outras crianças/adolescentes que estão fora do seu núcleo familiar?

Para as crianças/adolescentes que estão com idades acima de 7 anos e que não têm um lar, a falta da família traz transtornos significativos para toda sua existência, pois é importante na constituição da personalidade humana. Os padrões de comportamento do homem são resultados do processo de interação entre o indivíduo e o meio em que ele vive. E nesse contexto a família exerce papel decisivo.

Dentre todos os círculos de relacionamento comunitário, profissional, eclesial, na formação dos padrões que determinarão nossa maneira de ser, pensar, agir, é a família o nível mais significativo.

Será que se tem valorizado a Adoção como instituição e agente sócio transformador, protagonista privilegiada na construção de uma nova realidade e das próprias razões de se ter Esperança? Qual é a solução? Como posso contribuir de alguma forma para amenizar tal realidade?

Tramita no Congresso Nacional novo projeto lei de Adoção do Deputado João Matos, com o encerramento do 10º ENAPA foi encaminhada a Carta de Goiânia, como importante contribuição do

Estado de Goiás para melhorar a situação das crianças/adolescentes que ninguém quer ; como proposta para acrescentar dispositivo nesta nova lei incentivando ou isentando do Imposto de Renda os pais que adotarem crianças/adolescentes acima de sete (07) anos .

Este incentivo poderia ser gradativo começando conforme a idade, por exemplo: criança com 07 anos teria 30% - com 8 anos 40% - com 9 anos 50%, quanto maior a faixa etária maior o incentivo a ser dado, o que faria uma verdadeira revolução nas adoções tardias em nosso país.

Fica aqui uma idéia ou proposta, cabe a nós cidadãos aprová-la ou não.

Então, mãos à obra! Exerçamos, cada um, a cidadania da Adoção.

“ Daqui a 100 anos, não vão ter importância meu saldo bancário, o tipo de casa em que eu morava ou a espécie de carro que eu dirigia. Mas o mundo poderá ser diferente porque fui importante na vida de uma criança.” ( Rodapé da foto de uma criança).

A leitura desta nota mudou todo meu conceito de vida, me fez parar para refletir que não devemos e não podemos esperar que outras pessoas façam algo por nossas crianças/adolescentes. Cada um de nós somos responsáveis indiretamente pela situação de penúria e descaso que estes infantes institucionalizados vivem em nosso país. Não podemos e não devemos ficar de braços cruzados aguardando que os nossos governantes realizem políticas públicas para solucionar tal situação. Temos que contribuir de alguma forma para mudar o futuro de nossas criança/adolescentes.

**Goiânia, 06 de dezembro de 2005**

**Joaquim Fleury Ramos Jubé**  
**Secretário da CEJAI/GO**